

Indios O grande cerco

Há 35 anos os índios waimiri-atroari, no Amazonas, resistem aos sertanistas

Sérgio Buarque



O mais penoso e difícil cerco a um grupo indígena já realizado pela Funai está apenas começando sua fase mais delicada. Há duas semanas, foi inaugurada a rodovia BR-174, que liga Manaus a Caracará, no Território de Roraima, atravessando 125 km da reserva dos índios waimiri-atroari, um aguerrido grupo indígena que tem se recusado a aceitar os contatos permanentes que a Funai lhes propõem. A conclusão da estrada, cujas obras foram várias vezes suspensas em virtude de ataques dos índios, significa que o cerco aos waimiri-atroari entra agora na fase mais crítica, pois, além do filete de picarra avermelhada cortando suas terras, os índios terão agora veículos barulhentos e de finalidade desconhecida cruzando sua reserva.

O cerco planejado aos waimiri-atroari começou há 35 anos, quando o extinto Serviço de Proteção aos Índios (SPI) instalou um posto na área, mas ganhou força e objetivos de atrair os índios para a sociedade nacional a partir de 1967. Nesse ano, a recém-criada Fundação Nacional do Índio (Funai) destacou o sertanista Gilberto Pinto Figueiredo Costa para fazer o trabalho que no jargão dos sertanistas se chama de atração, ou seja, estabelecer contatos com índios arredios, ganhar sua confiança e depois iniciar sua culturação e integração. O cerco intenso aos waimiri-atroari tem, portanto, 10 anos, a idade da Funai, mas à medida em que os sertanistas procuram atrair os índios parece aumentar sua recusa em serem atraídos. Quando os contatos parecem caminhar bem, os índios se rebelam e matam os sertanistas.

Chico Meirelles queria dar uma lição nos índios

Pelo número de brancos que mataram, pelas notícias de que são perigosos e traiçoeiros, pela ameaça que faziam aos construtores das estradas e pelo inegável sentimento de incompetência que infundem na Funai - os waimiri-atroari se constituíram na mais importante missão do órgão indígena. E nas mais demoradas presas de vários sertanistas, que contam com muitos recursos em pessoal, e equipamentos. Afinal, os indóceis xavantes não resistiram a mais de três anos à missão de Chico Meirelles encarregada de pacificá-los; os lendários kranhacarore se confraternizaram com os irmãos Villas-Boas dois anos depois de um cerco intenso. E poucos são, atualmente, os grupos indígenas tribais considerados isolados, sem nenhum contato com os brancos. Os waimiri-atroari estão na classificação de índios com contato intermitente, isto é, não só com os sertanistas como caçadores de peles e comerciantes, ao longo de pelo menos um século (1). Para o general Ismarth de Araújo, presidente da Funai, a frente de atração dos waimiri-atroari é "mais que necessária". Francisco Meirelles, antes de morrer, em 73, defendia uma lição aos índios: "em determinados casos é preciso fazer uma demonstração de força para o índio que está matando gente ou criando problemas" (2).

O número de sertanistas mortos pelos índios varia de acordo com a fonte. Alguns jornais dizem que foram 63 ou 68; *O Globo* chegou a falar em 600, um exagero desmedido. A Funai limita-se aos 32 funcionários oficiais mortos nos últimos 35 anos, ou seja, aos mortos dos massacres conhecidos:

Dezembro de 46 - Os waimiri-atroari matam nove funcionários do SPI. Cândida de Carvalho, mulher do chefe do posto, mesmo grávida e ferida, conseguiu sobreviver com mais quatro mateiros.

Novembro de 68 - Os índios matam o padre João Calleri e nove dos mateiros que o acompanhavam. O caso repercutiu muito, a identificação dos mortos foi penosa e aí nasceu a fama de que os waimiri-atroari são muito perigosos, mateiros, fingem amizade e matam os amigos.

Janeiro de 73 - Três funcionários da Funai são mortos no posto do rio Alalaú. O mateiro Luís Apolinário Duarte sobrevive.

Outubro de 74 - Os índios matam seis sertanistas e mateiros. Adão Vasconcelos, sertanista, sobrevive.

Dezembro de 74 - Os waimiri-atroari cometem sua chacina mais inexplicada: matam o sertanista Gilberto Pinto, seu velho amigo, a quem chamavam de "Papai Gilberto"; e mais três funcionários da Funai.

Para o lugar de Gilberto Pinto foi nomeado um de seus auxiliares, Sebastião Nunes Firmo. Talvez estimulado pela importância que a Funai dava à segurança, Sebastião Firmo definiu seus métodos numa entrevista:

usaria dinamite, granadas, bombas de gás lacrimogêneo, metralhadoras (rajadas para o alto) e deportaria os índios mais rebeldes. Não era propriamente o que a Funai queria e Sebastião Firmo foi imediatamente desligado da missão. A Funai convidou então os irmãos Villas-Boas, mas às voltas com sua aposentadoria, os lendários sertanistas não puderam ir. Foi designado o jovem Apoena Meirelles, filho de Chico Meirelles, que acabava de atrair os avá-canoeiro de Goiás e estava dirigindo o Parque de Aripuanã.

Com a ida de Apoena Meirelles começou um novo tratamento aos índios e da forma de encará-los. Apoena foi instruído a ter muito cuidado, a ponto de se assustar com a missão. Ao partir, dizia: "Tremo como um vestibulando prestando exame". Pediu um seguro de vida de 50 mil cruzeiros para si e de 10 mil para os batidores xavantes que o acompanhavam. A Funai destacou 1,5 milhão de cruzeiros para apoiar seu trabalho, deu-lhe 80 homens. Alguns meses depois, Apoena conseguiu exatamente o que queria: não se encontrar subitamente com os índios. Sua tática era outra: em vez de assustar os índios, como preconizara seu pai e ele próprio fez com os avá-canoeiro (3), Apoena deixou os índios em paz. "Vamos deixar os waimiri-atroari conduzirem sua própria atração. Não lhes ofereceremos nada, não tentaremos despertar seu interesse para os instrumentos que o branco usa; apenas permitiremos que eles descubram esses instrumentos. Aí lhes daremos o que precisam, o que nos pedirem" (4).

Também não era o que a Funai queria. Logo Apoena desentendeu-se com um delegado do órgão, que se queixava de que ele gastava muito e conseguia pouco, e foi substituído pelo militarista Sebastião Firmo. Livre da tarefa, Apoena começou a revelar algumas informações que ajudarão a esclarecer por que matam os waimiri-atroari.

Leia, assine e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores. Leia, as-

Um barbado entre os índios?

A Funai parece ter optado por construir uma teoria de que os índios matam por razões culturais ou porque têm "influência externa". No número 15 de sua revista, por exemplo, publicada logo após a morte de Gilberto Pinto, a Funai encadeia depoimentos de vários auxiliares do sertanista, que conduzem à crença de que existem homens brancos instigando os waimiri-atroari à guerra. Tanto os sertanistas Adão Vasconcelos (sobrevivente de outubro de 74) como Waldomiro Pereira da Silva, Carlos Marques e Luís Apolinário dizem que os waimiri-atroari não permitem que os brancos entrem em algumas malocas. "Creio que havia algum branco escondido nelas, pois sempre ficavam dois índios na porta para impedir a entrada dos elementos da Funai, que só podiam permanecer no terreiro da aldeia", disse Adão Vasconcelos.

A revista da Funai recorreu a depoimentos dos sobreviventes da chacina de 1946. Cândida Carvalho, por exemplo, a mulher que conseguiu fugir ferida, disse na época que os índios eram comandados por um "branco barbado" que falava português e a língua dos waimiri-atroari. Ele autorizava as trocas entre índios e funcionários da Funai e mesmo os chefes indígenas o consultavam na frente dos brancos. Esses depoimentos são os únicos que fazem referência testemunhal ao "branco barbado"; os demais apenas insinuam que pode haver brancos entre os waimiri-atroari. O delegado da Funai no Amazonas, Francisco Montalverne, foi mais longe: disse que o branco é foragido da justiça e se chama Pelado. Por isso, a Funai acha que há informações demais para se descartar a hipótese como "fantasia".

Uma reação legítima?

Outra hipótese que a Funai divulga é a de que presumivelmente os índios que matam são jovens iniciando-se como guerreiros. Todos os depoimentos publicados pela revista da Funai dizem que os atacantes são sempre índios de uns 15 anos (apoiados por adultos) e que os ataques só acontecem no final e início de ano (de fato, entre outubro e janeiro).

Um artigo da antropóloga Denise Meirelles, mulher de Apoena, publicada na mesma revista da Funai, indica que os waimiri-atroari têm outras razões para matar

os brancos e se recusarem a ter um destino como os dos kranhacarore, por exemplo, que alguns meses depois de serem catados na mata eram vistos mendigando numa estrada de Mato Grosso. Segundo Denise Meirelles, sabe-se muito pouco dos waimiri-atroari. Além da descrição física (índios fortes, altura média) o dado cultural mais significativo até agora conhecido é o de que eles falam a língua Karibe, que, além deles, só é falada no Brasil pelos kalapalo do Xingu. Seriam cerca de 3 mil índios, vivendo numa reserva de 1,5 milhão de hectares no município amazonense de Areões. As informações sobre esses índios são tão precárias que não se sabe sequer a origem do nome waimiri-atroari.

O levantamento feito por Denise Meirelles relaciona uma série de incidentes entre os índios e os brancos. Em 1886, sofreram seu primeiro massacre. Em 1872, invadiram a vila do Moura, de uns 100 habitantes, mataram dois e saquearam casas. Em represália, o governo do Amazonas mandou uma expedição punitiva contra eles. Em 1874, mais índios mortos. Em 1881, um destacamento policial matou um grupo de índios perto de seu acampamento. Em 1905, um capitão de Polícia Júlio Olympio da Rocha trucidou pelo menos 300 índios e levou muitos aprisionados para Manaus. A partir de 1920, o território indígena foi invadido por caçadores, castanheiros e garimpeiros e eles foram cada vez mais se escondendo na mata, uns 110 km até agora. Nos anos 40, o Serviço de Proteção aos Índios instalou um posto na área, mas os funcionários destacados pra lá - os irmãos Briglia - só conseguiram brigar com os índios e serem mortos por eles.

A morte de Gilberto Pinto Figueiredo foi, sobretudo quando há explicações diretas para alguns ataques dos índios, desconcertante. Ele era um sertanista experiente, cauteloso; estava com os waimiri-atroari desde 1967, à exceção do período em que a Funai cometeu o erro de substituí-lo pelo desastrado padre Calleri. Tudo indicava que Gilberto tinha ótimas relações com os índios, principalmente considerando-se a fama dos waimiri-atroari e o fato de que, mesmo muitos anos depois de contatos periódicos, a atração não estava consolidada; os índios visitavam os postos da Funai, longe de suas aldeias, e os sertanistas iam às aldeias de vez em quando. Então, por que os waimiri-atroari mataram Gilberto Pinto?

O antropólogo Roque Barros Laraia, da Universidade de Brasília e ligado à Funai, disse aos jornais da época que a revolta dos índios contra Gilberto Pinto deveu-se a um ataque de brancos a um grupo de índios. "Ao que se informa", dizia Laraia, "o sertanista Gilberto Pinto, antes de morrer, teria prendido alguns dos responsáveis pelo massacre que se encontram em Manaus à espera de julgamento". (5). Desses homens, porém, nunca mais se ouviu falar.

Leia, assine e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas, da independência nacional e da elevação do padrão de vida dos trabalhadores. Leia, assine e divulgue Movimento; em defesa das liberdades democráticas.

(1) Não há dados recentes sobre os índios isolados. Os mais confiáveis são de 1967, de um levantamento do antropólogo Darcy Ribeiro. Nesse ano, dos 143 grupos tribais existentes no Brasil, 33 estavam isolados, 23 em contato intermitentes, 35 em contato permanente e 38 integrados.
(2) Entrevista à Veja, 23-8-73
(3) Apoena entrou correndo, aos berros, na aldeia dos avá-canoeiros, mas a tática não deu certo: os índios, assustadíssimos, embrenharam-se na mata.
(4) Dessa forma, Apoena também criticava a tática de Gilberto Pinto e dava uma interpretação para a morte do sertanista: Gilberto teria se desquitado com os índios por lhes dar muitos presentes, tornando-se uma pessoa sem atrativos para os waimiri-atroari.
(5) Declarações ao Jornal do Brasil de 12-1-75.